



LEMBRANÇA DO CORONEL

À primeira vista não parecia, mas o coronel era um homem muito delicado. Tinha umas coisas que ele não suportava, isto é verdade, como por exemplo estar na mesa almoçando e chegar na porta um pobre pedindo esmola. “Isto é hora de pedir esmola?” E ficava de garfo no ar, o apetite estragado, com raiva do pobre. “Hoje é sábado” — dizia a mulher. Então ele mandava uma empregada com dinheiro trocado descer a escada e ficar lá em baixo, no caramanchão dando esmola, para não estragar seu almoço. É verdade que só pobre novo é que pedia esmola em sua casa na hora do almoço. Os pobres antigos, não gostavam de contrariar o coronel, que há muitos e muitos anos dava esmola para eles duas vezes: uma em casa, outra no escritório.

Eu me lembro de um almoço em que apareceu um pobre — um velho louro muito magro, que chegou na porta da varanda e pediu esmola muito alto, com sotaque italiano, metendo sua figura suja pela sala de jantar, um braço esticado. O coronel levantou-se da cabeceira vermelho de cólera, gritando para o homem descer. O italiano ainda quis repetir seu pedido, mas a atitude do coronel era tão feroz que ele compreendeu que se não descesse a escada poderia ser jogado lá de cima. O coronel voltou para a mesa trêmulo, mas me impressionou, no meio daquela raiva, depois daquela explosão, ele dizer baixo para uma filha: “Vai lá em baixo, dê quatrocentos réis

para esse desgraçado”. Quando a moça arranjou o trocado e desceu a escada, o pobre já tinha ido embora, assustado, e quando ela voltou e disse isso, o coronel ficou tão aborrecido que ficou disfarçando que estava comendo, na verdade não comeu mais nada.

Quando já tinha passado a hora do almoço e ele estava na cadeira de balanço fumando um cigarro de palha, gostava de conversar. Tinha até dois pobres que ele mandava entrar uma vez ou outra — era uma velha viúva que morava no Amarelo e um prêto muito limpo, sempre de cáqui; com esses ele gostava de conversar, ouvia suas histórias, ria, mandava dar roupas para eles — “Mas, papai, esse sapato ainda está bom!” — dizia uma filha falando do sapato da empregada que ele mandava dar para a velha — “Eu dou dinheiro depois para Deolinda comprar um novo”. E a velha pobre dizendo que não precisava não. “Com esse sapato você é capaz de arranjar um noivo e não precisa mais me pedir esmola” — dizia o coronel; e a velha sorria.

O coronel tinha um compadre sitiante que ele estimava muito. Quando um filho ficava doente ia para casa do coronel, ficava morando até ficar bom, o coronel é que arranjava médico, remédio, tudo. Quase todo mês esse compadre mandava um caixote de ovos para o coronel. Seu sítio era perto de uma estaçãozinha da Leopoldina, ele despachava o caixote de lá, frete a pagar. Sempre escrevia no caixote: “CUIDADO É OVOS” — e cada ovo vinha enrolado em sua palha de milho, mas que o quê: a maior parte chegava quebrado. Os meninos morriam de rir abrindo o caixote de compadre Zeferino, a mulher do coronel abanava a cabeça. O coronel na cadeira de balanço ficava sério, mas, reparando bem, a gente via que ele às vezes sorria das risadas dos meninos; quando os meninos acabavam de tirar os ovos, ele perguntava:

— Quantos salvaram?

Os meninos diziam. Então ele se voltava para a mulher: “mulher, quanto está custando a dúzia de ovos?” A mulher dizia. Então ele fazia um cálculo do frete que pagara e mais do carro, e coçava a cabeça com um ar engraçado:

— Até que os ovos do compadre Zeferino não estão me saindo muito caros desta vez.

Um dia perguntei ao coronel se não era melhor avisar ao compadre Zeferino para não mandar mais ovos de presente pela estrada de ferro, coitado, para ele era um sacrifício encaixotar, levar na estação tantos ovos e afinal de contas para a gente ficava mais barato comprar ovos na cidade. O coronel me olhou nos olhos e falou sério:

— Não diga isso. O compadre Zeferino ia ficar muito sem graça. Ele é muito pobre. Com pobre a gente tem de ser muito delicado, meu filho.

Soneto

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

*Se é doce no recente, ameno Estio
Ver tocar-se a manhã de etéreas flôres,
E, lambendo as areias, e os verdôres,
Mole, e queixoso, deslizar-se o rio:*

*Se é doce no inocente desafio
Ouvirem-se os voláteis Amadorês,
Seus versos modulando, e seus ardôres
De entre os aromas do pomar sombrio:*

*Se é doce mares, céus ver anilados
Pela Quadra gentil, de Amor querida,
Que esperta os corações, floreira os prados:*

*Mais doce é ver-te de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida.*



(O famoso poeta português nasceu em 1765; no ano de sua morte (1805) o dono de um botequim, de que fôra freguês, conseguiu sustentá-lo vendendo de porta em porta os Improvisos de Bocage na sua mui perigosa enfermidade, dedicados a seus bons amigos).